

Conhecendo a Agroecologia. Convivendo com o semi-árido

Água para a produção: recuperação de cacimbões no Sítio Baixa



O Cacimão é uma das tecnologias de convivência com a semi-aridez, considerado como muito importante pela comunidade do Sítio Baixa dos Cândidos, Trindade – PE, pois tem um papel importante nos períodos de estiagem. É ele que garante a água para o consumo dos animais, mas em 2004 foi danificado com as chuvas daquele inverno. A associação procurou o apoio da Assessoria Técnica Permanente e elaboraram conjuntamente um projeto que foi incorporado às ações do Projeto da CRS (Catholic Relief Services) e Caatinga, para viabilizar a recuperação do cacimão. Comissões da própria comunidade foram formadas envolvendo mais de

5 famílias diretamente na recuperação que envolveu cerca de 95 diárias de trabalho intenso.

Hoje o cacimão encontra-se recuperado e está com 15m de profundidade. Na parte superior foi construída uma estrutura de alvenaria para evitar futuros desmoronamentos. São 7 metros de água disponível para o uso comunitário.



Melhorando o modo de criação de galinhas



É nos intercâmbios entre agricultores e agricultoras de comunidades diferentes que boas idéias surgem. No Assentamento Novo Mundo, em Camalaú-PB, famílias agricultoras do Araripe participaram dos intercâmbios sobre galinha caipira e tiveram contato com um jeito mais intensivo de criação de galinhas. Aqui a assessoria técnica apoiou o melhoramento de galinheiros, como é o caso da implantação de um galinheiro através da parceria com o Projeto Dom Helder Camara e apoio do CAATINGA na casa da família de José (Sr. Zezinho) e Maria de Lourdes, e seus três filhos.

O casal mora no Assentamento Caraíbas em Parnamirim. Lá eles desenvolvem um trabalho que já dura 2 anos sem usar agrotóxicos. “Deixei de usar pois não tava vendo resultado e se tiver que tirar vai ter que ser sem veneno, onde a gente só sentia dor de cabeça e tinha que comer doce a noite para aliviar a dor.”

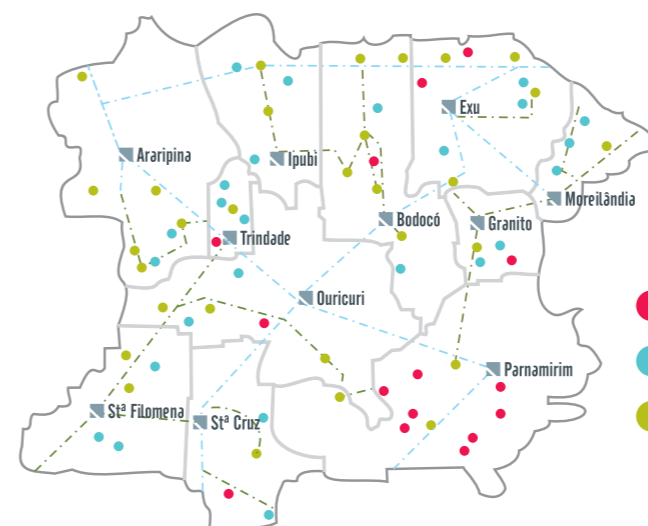
O galinheiro foi implantado no quintal da casa do Sr. Zezinho, com um diâmetro de 25 metros de comprimento por 10 metros de largura. O galinheiro tem duas divisões: uma de 10 metros por 5 metros; e, outra de 15 metros por 10 metros. Todas as divisões são feitas de tela. Com isso a família vai melhorar o jeito de criar galinhas, pois a grande queixa da comunidade e da família é a falta de estrutura. As galinhas eram criadas soltas e ficavam expostas às raposas e outros bichos que comem as aves e os ovos, resultando numa falta de controle sobre a produção e em muito prejuízo na criação.



Investindo no ser humano. Transformando o Semi-Árido



Território do sertão do Araripe - PE



- Assentamentos
- Comunidades
- Vilas/Distritos



Resultados da atuação do Projeto Dom Helder Camara no Território com a Assessoria Técnica Permanente

- 16 Assentamentos da Reforma Agrária
- 26 Comunidades Tradicionais de Agricultura Familiar
- 821 Famílias assessoradas pelo Caatinga
- 621 Famílias assessoradas pelo Chapada
- 1 Parceria como referência em gênero - CAATMA
- 1 Parceria referência na mobilização social - FETAPE

Esta publicação contou com o apoio da:



Assessoria Técnica permanente e Agroecologia

Durante décadas se debateu sobre a necessidade de uma Política Nacional de Assistência Técnica que fosse capaz de dialogar com a diversidade rural brasileira e agregar novos elementos do desenvolvimento rural, tais como sustentabilidade, agroecologia e participação social e não focada meramente na transferência de tecnologia. A nova política propõe a romper com o modelo difusionista de ATER, substituindo-o por um processo educativo alicerçado em uma prática dialógica e uma pedagogia construtivista, que desse conta das novas demandas da sociedade e da complexidade e crescentes mudanças ocorridas no meio rural, com propósito claro de fortalecimento da agricultura familiar agroecológica e revalorização do espaço rural brasileiro.

É nesta nova perspectiva de ATER que a metodologia de Assistência Técnica Permanente adota pelo PDHC e suas parceiras constroem referências de práticas agroecológicas junto as famílias das comunidades relacionadas ao projeto, algumas delas apresentadas neste informativo, e contribuem para consolidação das novas diretrizes propostas na Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural.

Um projeto chamado Dom Helder

Era o ano de 2005 quando nos chegamos as primeiras discussões sobre a possibilidade do Araripe vir a ser um dos territórios de atuação do Projeto Dom Helder Câmara (PDHC). Obviamente, pelo que já tínhamos de informação sobre as ações do projeto, principalmente no território do Pajeú, partimos para fazer as alianças e as negociações para que isso se tornasse fato. Ainda em 2005 recebemos a confirmação pela definição do território do Araripe como nova área de atuação do projeto. A partir daí se iniciou todo um processo de negociação em torno do termo de parceria entre Caatinga e PDHC, incluindo também a relação com o Chapada, no sentido de definição de comunidades e número de famílias a serem acompanhadas por cada instituição. Em 2006 foi montado o escritório da Unidade de Supervisão Local (USL). A metodologia adotada parte da construção coletiva do conhecimento e utiliza-se de Unidades Demonstrativas (UD), para isso. Cada comunidade tem um recurso disponível para implementar até 4 UD's para grupos de interessados. As famílias são as unidades referenciais para se trabalhar a assessoria e contam com um Fundo de Investimento Produtivo (FISP) e um Fundo de Investimento Social (FISP Social) e ainda é incentivado a participação coletiva, consorciada e não individual.

Para o Caatinga a parceria com o PDHC resulta numa grande



responsabilidade técnica e constitui-se num grande desafio, pois se trata de uma forma diferenciada de Assistência Técnica, onde os elementos participação e controle social, desenvolvimento sustentável e convivência com o Semi-árido, na perspectiva da agroecologia, estão colocados como fatores indispensáveis na promoção do desenvolvimento.

Os resultados são diversos e se expressam no trabalho dos jovens que se mobilizam para construir novas oportunidades de geração de renda e participam mais ativamente das organizações. As comunidades assessoradas pelo Caatinga trabalham com hortas agroecológicas, inclusive com forte participação dos grupos de mulheres; prepararam e usam o fermentado biológico como prática agroecológica de controle de pragas e doenças dos cultivos; as famílias melhoram a criação de galinhas, recuperando instalações e utilizando o nim no controle de ecto-parasitas (pixilinga); projetos de Unidades Demonstrativas de Galinha Caipira foram elaborados e estão em processo de análise na Unidade de Supervisão Local.

Os caminhos da assessoria e os planos comunitários

No início do mês de Outubro de 2007, todas as comunidades assessoradas pela parceria Projeto Dom Helder Câmara e Caatinga atualizaram seus Planos Comunitários em oficinas construídas pelas próprias comunidades. As famílias detalharam as potencialidades e os problemas vivenciados por elas e relacionados: aos recursos hídricos; a produção e comercialização; a organização comunitária e gestão; a infraestrutura e serviços; aos jovens e as mulheres. Em seguida as famílias também citaram as



prioridades que elas gostariam de tocar em cada seguimento. O protagonismo destas foi evidenciado, ou seja foram as próprias famílias, organizadas em suas

associações, que definiram a agenda e os responsáveis para seu cumprimento. Helio Nunes (Supervisor da Unidade Local do PDHC), diz que o PDHC tem diretrizes e princípios ancorados na inclusão e no protagonismo, para isso, envolve todas as famílias agricultoras no processo de planejamento de atividades, pois é um pressuposto fundamental da gestão do PDHC a de que é imperativo fazer com elas, e não para elas! E no seu fazer a participação dos representantes das famílias na instância de gestão, é o Comitê Territorial.



Comunidades de seis municípios trocam sementes e conhecimentos agroecológicos

Famílias dos Assentamentos de Parnamirim e de comunidades de Santa Filomena, Santa Cruz, Ouricuri, Trindade, Granito e Bodocó participaram da Festa das Sementes da Paixão em Patos-PB, no mês de julho/2007. Motivadas pelo movimento de valorização das sementes crioulas na Paraíba, responsáveis por grande parte da segurança alimentar das famílias, e pela geração de renda, estas famílias vem desenvolvendo um trabalho de continuidade desse debate. Nos encontros chamados de Encontros das Sementes do Sertão, cerca de 30 representantes das comunidades e assentamentos trocaram sementes, amizades, e saberes.

O Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), a União Jovem de Granito, o PDHC, os Agentes Promotores de Agroecologia (APAs), e os

Mobilizadores Sociais (ligados a FETAPE) foram parceiros importantes e fortaleceram as idéias dos representantes das comunidades, com a intenção clara de levar o debate sobre os Organismos Geneticamente Modificados, os transgênicos, para suas comunidades, de forma a informar a todas as pessoas e assim poder tirar novos encaminhamentos.

Em um dos Encontros uma comissão foi tirada para participar da 5ª. SEIA (Semana Interestadual da Alimentação), realizada na cidade de São José do Egito-PE entre os dias 15 e 20 de Outubro. Tal participação serviu como referência para os participantes da SEIA.



Conhecendo um pouco mais sobre Agroecologia

A comunidade do Lopes II, em Bodocó, teve a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a agroecologia e sobre tecnologias de convivência com o semi-árido. As famílias agricultoras participaram de uma atividade realizada, em duas partes: uma na garagem do presidente da associação, Sr. Antonio Cardoso, e outra as margens do açude Lopes II. Como esta, outras 23 comunidades tiveram oportunidade de vivenciar momentos como este de troca de informações e construção de conhecimento agroecológico.

Assim, cerca de 450 participantes durante dessas capacitações e oficinas de construção do

conhecimento tiveram contato com uma forma diferente de olhar para a agricultura e para as relações sociais comunitárias. Muitas das 821 famílias assessoradas pelo Projeto Dom Helder Câmara e CAATINGA participam de associações comunitárias, mas há um grande desafio por todas colocadas, o de se organizar melhor e de utilizar, em sua prática diária, os conhecimentos obtidos durante as capacitações sobre agroecologia e convivência com o semi-árido.

